

**eldlarq** Editorial do Departamento de Arquitetura  
da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra



**35 ANOS DE  
ARQUITETURA  
NA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA**



**ENSAIOS**



- 13            *Compromisso(s)*  
*Nota introdutória*  
Luís Miguel Correia
- ENSAIOS*
- 19            *Arquitetura ou o pulsar de um farol para o território*  
*e a universidade*  
Adelino Gonçalves
- 27            *Uma questão de linguagem*  
Alexandre Dias
- 37            *Do Claustro e da Ilha*  
*Os limites entre o cheio, o vazio e a identidade*  
Antonieta Reis Leite
- 43            *Um olhar... 35 anos do DARQ*  
António Bettencourt
- 53            *O crescimento da Arquitetura Digital*  
António Monteiro
- 59            *Desenho II e a dimensão urbana da arte*  
António Olaio
- 65            *O espaço discursivo da parede da Casa Potamianos*  
*de Dimitris Pikionis*  
Armando Rabaça
- 83            *Convergência*  
Artur Rebelo
- 87            *Ars et Usus*  
*Memória de uma investigação sobre a teoria e a prática*  
*da arquitetura*  
Bruno Gil

- 95 *Sobre um exercício de projeto*  
*Um terreiro para o Terreiro da Erva*  
Carlos Martins
- 103 *Entre a sala e o claustro*  
*Os lugares de encontro com a arquitetura*  
Carolina Coelho
- 111 *Sobre desenhar no curso de Design e Multimédia*  
Catarina Parente
- 117 *Ensaio hesitante sobre correlações disciplinares*  
Eduardo Mota
- 127 *Notas sobre a tutoria de um workshop de verão*  
Filipe Madeira
- 135 *Para uma formação social e política do arquiteto*  
*e da arquiteta*  
*Regeneração urbana e arquitetónica inclusiva*  
Gonçalo Canto Moniz
- 143 *Pela verdade, pelo belo e pelo bem*  
Guilherme Machado Vaz
- 151 *Geometria da investigação*  
Joana Maia
- 159 *Fumos de sublimação*  
João Crisóstomo
- 167 *Da prática ao ensino de Projeto*  
João Mendes Ribeiro

- 173 *O projeto como exercício de investigação aplicada*  
*A iniciativa SENZEB num ensaio em quinze parágrafos*  
João Paulo Cardielos
- 181 *Transformação e reinvenção*  
*Entre a escola e a prática da profissão*  
Joaquim Almeida
- 189 *35 anos do DARQ/ 35 anos do PM*  
Jorge Figueira
- 195 *Contra uma cidade adjetivada*  
*A banalidade de base como condição de sobrevivência*  
*do conceito*  
José António Bandeirinha
- 207 *35 anos de DARQ*  
José Fernando Gonçalves
- 217 *A sobrevivência da fotografia*  
José Maças de Carvalho
- 225 *Alguns apontamentos sobre nós*  
Luís Miguel Correia
- 235 *Coisas inúteis como prática da liberdade*  
Luís Sobral
- 247 *Módulo Iniciático de apoio à Geometria*  
Maria João Pinto
- 253 *Coimbra Architecture Summer Atelier*  
*Retrospectivas e continuidades*  
Martinho Araújo

- 261 *O ensino de Arquitetura no Colégio das Artes e a arquitetura moderna*  
Nuno Correia
- 271 *1988: A arquitetura aconteceu-nos*  
Nuno Grande
- 277 *Entre muros*  
Paula del Río
- 283 *Elogio da autoria em arquitetura*  
*Ou duas tapeçarias de Eric Gunnar Asplund*  
Paulo Providência
- 295 *Do digital ao material*  
*Um universo expandido de ferramentas digitais em arquitetura*  
Pedro Martins Carvalho
- 303 *Há Baixa*  
*Experimentar e praticar ajudando*  
Pedro Maurício Borges
- 309 *Once upon a time in DARQ*  
Pedro Pousada
- 319 *Revelar o desejo*  
*Um possível propósito*  
Rui Filipe Pinto
- 327 *Um projeto de reformulação do Colégio das Artes de 1791*  
Rui Lobo
- 341 *Sobre a invisibilidade*  
*As mulheres arquitetas docentes do DARQ*  
Susana Lobo

- 351 *O desenho de observação como instrumento basilar  
do processo de conceção em arquitetura*  
Teresa Pais
- 359 *Linhas que cerzem o pensamento*  
Vitor Murtinho
- 367 *Da Arquitetura na UC*  
Walter Rossa

# ENISA FOR CS



Adelino Gonçalves

ARQUITE-  
TURA  
OU  
O PULSAR  
DE UM  
FAROL  
PARA O  
TERRITÓRIO  
E  
A UNIVER-  
SIDADE





Visita de estudo no âmbito dos trabalhos da iniciativa de investigação aplicada *De volta ao rural ou como reforçar a coesão da cidade regional?* Chanca, Penela, 2020.

Protocolo de colaboração institucional Universidade de Coimbra / Terras de Sicó, Associação de Desenvolvimento.

A *cidade*, palco de *arquitetura* através do *urbanismo*, e o *território*, palco de *urbanidade* através da *urbanização* e da *arquitetura*, são elementos de um desígnio societal para o qual parece não haver dúvidas sobre o que fazer e como fazer para o concretizar. Parece não haver dúvidas e “há muito que se sabe o que deve ser feito”<sup>1</sup>, existindo grandes consensos sobre os objetivos e metas a completar para garantir que o nosso lugar no mundo nunca deixe de o ser. “Nosso” no sentido de nos construirmos a nós próprios com ele, mas “nosso” também no sentido de a sua posse ser partilhada. No fundo, como foi assumido há tempo, garantir um *futuro comum*<sup>2</sup>.

Mas apesar dos consensos que este desígnio reúne, é importante ter presente um denominador comum de todos objetivos e metas adotados para o concretizar: *evitar o colapso*. Evitar o colapso é um denominador comum e é simultaneamente um conceito-ação que vem sendo reforçado em muitas instâncias desde 1972<sup>3</sup> e que agora surge assente no triângulo *belo, sustentável e inclusivo*.

Assim, por dois motivos distintos, mas que se influenciam mutuamente, levanta-se uma dúvida grave: se já se sabe há tanto tempo o que fazer e como fazer, o que estará a faltar para o fazer? Por sua vez, a construção do nosso lugar no mundo faz-se “apenas” com ações para resistir ao colapso?

Pois bem, aqueles consensos vêm há muito tempo sendo vestidos e revestidos com pactos, agendas, programas internacionais e nacionais, e são hoje um abecedário novo que se aprende desde o 1.º Ciclo. Desde o 1.º Ciclo ou até mesmo desde as creches, quando estão abertas, que são a primeira sala de aula onde se conjugam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Porém, mesmo com esta aprendizagem desde o nosso próprio início, continua a haver dificuldade para se fazer o que se sabe que deve ser feito. Mas porquê? A que se deverá essa dificuldade?

- 1 Adelino Gonçalves, *Património Urban(ístico) e Desenvolvimento* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017), 295–305.
- 2 World Commission on Environment and Development, *Our Common Future* (Oxford: Oxford University Press, 1987).
- 3 Donella H. Meadows et al., *The Limits to Growth* (Nova Iorque: Universe Books, 1972).

Para a identificar, ajuda ter em conta uma característica de todos aqueles elementos — o *território*, o *urbanismo*, a *urbanização*, a *arquitetura* e a *cidade*: são indissociáveis! Uns não existem sem os demais e todos têm de ser convocados em simultâneo para o que tem de ser feito. Além disso, dado o impacto generalizado daqueles consensos, a indissociabilidade destes elementos é hoje senso comum e, por isso, não causa estranheza a ninguém que se defenda que devem atuar em simultâneo e de uma forma colaborativa.

Então, será esta a dificuldade? Não se conseguir que haja colaboração entre todos estes elementos? Se for esta a dificuldade, como se poderá ultrapassá-la?

Para indagar uma hipótese, é importante ter presente o significado dos conceitos associados a estes elementos, desde logo o *território*, por ser fundamental, isto é, por ser o alicerce dos restantes.

Pois bem, no que diz respeito ao *território* é premente ter presente que ele não é uma “coisa”, nem o confundir com outros conceitos, como “área geográfica” ou “espaço grande”. Porquê? Porque o *território* não é uma geografia ou uma região, antes se baseia numa geografia ou região. “Baseia-se” no sentido de “estabelecer a base de”, isto é, o *território* é a espacialização das respostas às necessidades e expectativas resultantes da “ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível”<sup>4</sup>, para construir o seu lugar no mundo.

Por isso é que o *território* não é uma realidade plana e igual a si própria em toda a sua extensão, cujo desenvolvimento se possa planear uniformemente, mas antes uma realidade com um “relevo” a que o ordenamento, o *urbanismo*, a *urbanização* e a *arquitetura* devem ser sensíveis.

No que diz respeito à *cidade*, também é importante ter em conta que ela não é uma “coisa”. Ela já foi uma “coisa”, mas deixou de o ser a partir do momento em que a “mecanização assumiu o comando”<sup>5</sup>

4 Claude Raffestin, *Por uma Geografia do Poder* (São Paulo: Ática, 1993), 143.

5 Siegfried Giedion, *Mechanization Takes Command* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1948).

e à bolina do modelo de *urbanização* criado pelo *capital* entrámos na “era pós-cidade”<sup>6</sup>, vivendo agora num “mundo urbanizado sem cidades”. Entretanto, com a avalanche das tecnologias da informação e comunicação, a *cidade* foi condenada a desaparecer enquanto “forma cultural e política específica”<sup>7</sup> e o *território* a ser palco de *urbanidade* sem limites.

Por fim, a *arquitetura* é a criação do espaço da *urbanidade*, o que significa que não se esgota na *cidade*. Ela é antes a “prisão” que o homem precisa para se realizar como criatura social através do *território* e da *cidade*, implementando aquele “programa em qualquer nível” de que nos fala Raffestin. Isto significa que “fomos condenados à cidade”<sup>8</sup> assim como ao *território*, e por isso é que o *urbanismo* e a *arquitetura* fazem o programa mais importante do “ator sintagmático” que nós somos, pois “tudo o que é especificamente humano no homem é *logos*”<sup>9</sup>.

Deste modo, temos de aceitar que a *arquitetura* está em tudo o que faz o nosso lugar no mundo, incluindo no *conhecimento* necessário para esse efeito. Assim, a *arquitetura* é a nossa *casa* e é através dela que a *cidade* e o *território* são a nossa *casa*. Como “às vezes, a casa cresce, estende-se”<sup>10</sup>, é através dela que nos realizamos como criaturas sociais.

Mas mesmo não sendo uma “coisa”, como é o nosso *território* enquanto alicerce de todos os outros elementos do nosso “futuro comum”?

Pois bem, é feio.

O nosso *território* é feio.

6 Melvin M. Webber, “The Post-City Age”, *Daedalus* vol. 97, n.º 4 (outono 1968): 1091–110.

7 Manuel Castells, “Un mundo urbanizado sin ciudades?”, *La Vanguardia*, 9 maio 2004: 28.

8 Walter Rossa, *Fomos condenados à cidade* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015).

9 Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço* (São Paulo: Martins Fontes, 1996), 8.

10 *Ibid.*, 66.

Andrés Rubio<sup>11</sup> disse isto sobre o *território* de Espanha e não admira que tenha causado inquietação. Mais ainda defendendo que o “caos urbanístico” é o “maior fracasso da democracia”, o que significa que, em vez de sinónimos, Rubio defende que *território*, *cidade* e *democracia* são realidades que apenas convergiram pontualmente na história recente de Espanha, se convergiram alguma vez. Faz lembrar a “amnésia coletiva” que Salvatore Settis<sup>12</sup> afirma ter levado Atenas à morte e pode levar à morte qualquer outra *cidade* ou *território*...

Mas o retrato que Rubio faz de Espanha é o mesmo que podemos fazer de Portugal. Aliás, as afinidades entre a fealdade de ambos os *territórios* são tão grandes que partilham o ponto onde teve início a vertigem do seu afeamento: 1 de janeiro de 1986, data que corresponde ao início da injeção de fundos avultados para investimentos ditos “estruturais”.

Naquela altura, doze anos depois de terminar o inverno da democracia que durou quase meio século, acreditava-se que aqueles fundos iriam criar um *território* equilibrado e bonito. Acreditava-se que o desenvolvimento ia finalmente chegar a todo o lado e iria contemplar todos os lugares por igual.

Mas para isso era preciso termos pelo menos duas coisas que não tínhamos: uma visão prospetiva do *território* e um método para implementar uma diversidade de instrumentos de política de uma forma colaborativa. Ora essa visão só começou a ser construída em 2007 e até lá, nos vinte anos que passaram, olhou-se para cada cm<sup>2</sup> de Portugal de forma isolada e o peso do litoral foi crescendo a par da leveza do interior, que também aumentou. Muito, nas últimas décadas. O interior ficou tão leve de pessoas e economia que quase não tem densidade. No interior, a única matéria que cresceu foi mesmo a idade e o isolamento das pessoas, uma vez que o litoral chamou para si toda a população e economia do país, urbanizando-se de lés a lés e ao sabor do menor custo, tornando hoje impossível perceber-se onde nos leva cada “rua da estrada”<sup>13</sup>.

11 Andrés Rubio, *España fea. El caos urbano, el mayor fracaso de la democracia* (Barcelona: Debate, 2022).

12 Salvatore Settis, *Se Venezia muore* (Turim: Giulio Einaudi, 2014).

13 Álvaro Domingues, *A Rua da Estrada* (Porto: Dafne, 2009).

Então, com o *território* que temos, como ultrapassar aquela dificuldade e lidar com *urbanismo*, *urbanização* e *arquitetura* de forma colaborativa?

Settis propõe que os arquitetos façam um juramento de Vitruvius, semelhante ao juramento hipocrático dos médicos. Rubio reforça essa proposta, mas chama atenção para o facto de os atores do afeamento do *território* não serem apenas os *arquitetos*. Esses são os “executores”, como ele diz. Seria então necessário que todos os atores jurassem: governantes, autarcas, engenheiros, empreiteiros, investidores, legisladores... Não bastaria que o arquitetos jurassem. Seria preciso que todos o fizessem... e cumprissem.

Mas talvez não seja preciso jurar.

Não será fácil, mas talvez baste reforçar a cultura arquitetónica e a cultura urbana, ou seja, a *cultura do território*, porque a cultura é o que nos une, é o pressuposto para a cooperação.

Assim, acreditando nesta possibilidade, será preciso um farol que, com intermitência disciplinar, indique o rumo a seguir.

Ora, uma vez que a *arquitetura* é a nossa casa e é através dela que a *cidade* e o *território* são a nossa casa, a *arquitetura* pode ser esse farol. Para isso, o lugar onde ela é construída como *conhecimento*, a *Universidade*, tem de ligar o interruptor e pôr todas as lâmpadas a cooperar.

Se o ligar, estão as lâmpadas preparadas e dispostas a cooperar?

É que sem concertação, o caminho indicado pela intermitência do farol disciplinar é incerto e a *cultura do território*, tão necessária, não sairá reforçada.

Cada lâmpada brilhará, mas não iluminará o caminho.

Assim, para já, importa que cada um de nós ande com o farol em si.

Eu ando!



*livro*

ENSAIOS

*coordenação*

Luís Miguel Correia

Susana Lobo

Adelino Gonçalves

*edição*

eldlarq

Editorial do Departamento  
de Arquitetura da Faculdade  
de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra

Colégio das Artes

Largo D. Dinis

3000–143 Coimbra

e: edarq@uc.pt

w: www.darq.uc.pt

*coordenação e|d|arq*

Armando Rabaça

Bruno Gil

*revisão*

Cláudia Gonçalves

*design gráfico*

Eduardo Mota/

archigraphics—studio

(www.archigraphics.studio)

e Daniel Santos/FBA.

(www.fba.pt)

*tipografia*

*Geo Stencil* (2023),

por Daniel Santos/FBA.

e *Antwerp* (2010–11),

por Henrik Kubel / A2-Type

*impressão e acabamento*

Nozzle, Lda

*ISBN*

978–989–53889–1–2

*depósito legal*

520949/23

© 2023 eldlarq

Editorial do Departamento  
de Arquitetura da Faculdade  
de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra

© textos e imagens:

dos autores e do domínio público,  
quando não especificado  
em contrário